

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FORMAÇÃO INTEGRADA
MULTIPROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E ENSINO DA SAÚDE

Lêda Fernandes Bertamoni

Diários de Classe: o registro como fonte de pesquisa.

Porto Alegre

2013

Lêda Fernandes Bertamoni

Diários de Classe: o registro como fonte de pesquisa

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Formação Integrada em Educação e Ensino da Saúde do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dda. Alana Martins Gonçalves

Porto Alegre

2013

A João Leonir, Camila, Émerson e Preta que compõe minha pequena, grande e diferente família. São eles que me estimulam, entendem, pactuam com a minha sede de conhecimento. Compreendem que minha jornada neste plano é de puro aprendizado.

Agradeço a minha família nuclear, a quem dedico esse estudo. A minha orientadora companheira nesta jornada e a meu amigo João Ramos pela parceria e paciência nestes muitos meses de leituras, pesquisas, saber. Agradeço também ao GHC pela oportunidade de formação.

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.

Paulo Freire

RESUMO

O presente estudo visa analisar os registros constantes nos diários de classe de eixos temáticos desenvolvidos no curso de Técnico em Registros e Informações em Saúde do Centro de Educação Tecnológica e Pesquisa em Saúde. Tem como objetivo verificar se as mudanças registradas nos diários de classe dialogam com o plano do referido curso e se essas correspondem à temática principal da formação. Trago uma pequena retrospectiva histórica dos atores envolvidos: Escola GHC e IFRS, buscando identificar as origens do curso em questão, usando como referências as ideias de Klein e Barroso (2006) e Ministério da Saúde (2009). Para trazer e discutir a importância dos registros em diários de classe, utilizei como referências os autores Weffort (1996), Zabalza (2002, 2003, 2004), Merli e Stangherlim (2013), Rodrigues, Corrêa e Carvalho (2010). Na metodologia escolhida – análise documental -, trouxe aporte teórico de Abreu (2006), Flores (1994), Calado e Ferreira (2004) que propiciaram realizar as discussões pertinentes ao tema.

Palavras-chave: diário de classe, plano de ensino, registro.

ABSTRACT

This study aims to analyze the records contained in the daily class themes developed in the course of Records and Information Technician at the Center for Technical Education and Research Health Health has to verify if the changes recorded in daily dialogue with class the plane of said course and these correspond to the main theme of the training. Bring a small historical retrospective of the actors involved: School GHC and IFRS in order to identify the origins of the course in question, using as references the ideas of Klein and Barroso (2006) and Ministry of Health (2009). To bring and discuss the importance of daily records in class, I used as references the Weffort (1996), Zabalza (2002, 2003, 2004), and Stangherlim Merli (2013), Rodrigues Corrêa and Carvalho (2010) authors. The methodology chosen - document analysis - has brought theoretical contribution of

Abreu (2006), Flowers (1994), Draft and Ferreira (2004) that provided relevant to the topic make discussions.

Keywords: gradebook, syllabus, reg.

SUMÁRIO

1. Introdução	09
2. Conhecendo a Escola GHC	12
2.1. O início de tudo	12
2.2. Centro de Educação Tecnológica e Pesquisa em Saúde: simplesmente Escola GHC	14
2.3. Instituto Federal do Rio Grande do Sul: história	15
2.4. Curso Técnico em Registro e Informação em Saúde: origens e história	16
3. Revisão Literatura	20
4. Metodologia	23
4.1. Discussão dos resultados	25
5. Considerações finais	30
6. Referências	32
6.1 Bibliografia Consultada	33
7. Apêndices	35

1 INTRODUÇÃO

“De tudo o que está escrito, eu amo somente aquilo que o homem escrever com seu próprio sangue”. (Nietzsche)

Este trabalho visa analisar os registros realizados nos diários de classe de eixo temático do curso Técnico em Registros e Informações em Saúde, desenvolvido pelo Centro de Educação Tecnológica e Pesquisa em Saúde (CETPS), conhecida fraternamente como Escola GHC. Este é parte importante na estrutura do Grupo Hospitalar Conceição, complexo hospitalar 100% SUS localizado na região sul do país. Esta é uma unidade remota do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Os eixos temáticos escolhidos para realizar este estudo são CTRIS01 (A realidade e os desafios da informação em saúde); CTRIS02 (A Construção de dados em saúde – I) e CTRIS03 (A informação nos processos decisórios – I), todos ministrados no primeiro semestre do Curso.

Apontar o processo histórico percorrido pelas instituições conveniadas – Escola GHC e IFRS, vem no sentido de conhecer os primórdios que culminam com o curso Técnico em Registro e Informações em Saúde, que teve sua primeira turma em 2010. O Grupo Hospitalar no alto de seus quase 60 anos de história, já vinha desde a década de cinquenta do século XX como polo formador, por ser um local onde se faz saúde e se aprende no cotidiano (KLEIN, BARROSO, 2006), “o ensino, a pesquisa e a incorporação de tecnologias vêm sendo considerados, progressivamente, ações finalísticas dos sistemas e serviços de saúde” (Ministério da Saúde, 2009, p.11). O Instituto Federal do Rio Grande do Sul, com mais de cem anos vem fazendo seu espaço formador, ampliando sempre que possível à gama de cursos ofertados à população (Ministério da Saúde, 2010). A soma dessas duas grandes instituições traz como resultado uma formação importante para o SUS, um profissional responsável pela “organização das fontes de dados e no registro para os sistemas de informação em saúde, contribuindo para a continuidade da atenção integral, o planejamento e a avaliação das ações”

(Ministério da Saúde, 2010, p. 19). Outra questão a ser vista é a importância deste profissional no “procedimento de guarda, catalogação, pesquisa e manutenção de registros e dados em saúde, orientados pelos princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde” (Ministério da Saúde, 2010, p. 19).

Considerando que diário de classe, é “um documento que deve estabelecer diálogo com o planejamento docente e ter uma estreita relação com a proposta estabelecida no Projeto Pedagógico do Curso” (IFSP, 2012, p.5), a qualidade deste registro é de suma importância, pois este possibilitará conhecer o trajeto que foi percorrido pelos docentes e discentes. Zabalza traz que “escrever sobre o que fazemos e ler sobre o que fizemos permite que nos coloquemos a uma certa distância da ação e vejamos as coisas e a nós mesmo sem perspectiva” (ZABALZA, 2002, p. 15).

O diário de classe,

(...) via de regra, chegou à escola como um “caderno de chamada”, um caderno de registro de frequência alunos e alunas, de datas das aulas dadas e conteúdos desenvolvidos a cada uma dessas aulas, reduzindo este cumprir a um papel bastante, e talvez unicamente, burocrático por aqueles que dele faziam uso (PECOITS, 2009, p. 31).

Quando em verdade deveriam “configurar-se num espaço para guardar não apenas na memória, as histórias vividas, as observações feitas, os sentimentos despertados, as intenções pretendidas” (PECOITS, 2009, p. 31).

Analisar documentos, muitas vezes pode se transformar uma tarefa solitária. Porém a busca de autores que, de alguma forma passam a dialogar com o pesquisador, trazem reflexões e discursos que podem tornar-se uníssonos. Para Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p.8) “é primordial em todas as etapas de uma análise documental que se avalie o contexto histórico em que foi produzido o documento, seja qual tenha sido a época em que o texto foi escrito”.

A escolha do tema é relevante, devido à importância dos registros acadêmicos que podem ser verificados nos Diários de Classe. Estes são registros da história das turmas as quais pertencem. Com ele, podemos saber quem estava

presente, a base das discussões propostas nas temáticas, os resultados disso, entre outros.

Outra questão de suma importância é que o Diário de Classe é o documento gerado do período escolar/acadêmico e deve ser encarado dessa forma. A qualidade do registro realizado nele é essencial, não podendo conter rasuras (caso ocorram devem ser justificadas) e preferencialmente mostrarem o retrato da turma.

A temática faz parte das diretrizes institucionais, pois é a comprovação de que o conteúdo que está sendo ministrado dialoga com Plano Político Pedagógico da escola, que, em síntese, é uma ferramenta de planejamento e avaliação, em que professores e equipe diretiva devem consultar a cada tomada de decisão.

A análise comparativa entre a que se propõe o ensino de determinado eixo temático num curso técnico, e o que realmente foi desenvolvido – e devidamente registrado – poderá nortear posteriores estudos e pesquisas sobre a relação teoria e prática no ensino técnico.

Intervenções ocorrem nos planos de cursos, buscando, na maioria das vezes melhorias nas propostas temáticas. Estas podem ser percebidas nos registros realizados nos Diários de Classe e nem sempre são feitas avaliações que permitam verificar se estas contemplam os objetivos a serem atingidos.

Partindo deste pressuposto traço algumas questões a serem discutidas no desenvolvimento deste estudo: De que forma as mudanças registradas nos Diários de Classe dialogam com o Plano de Curso do Técnico em Registro e Informações da Escola GHC? Estas mudanças correspondem ao tema principal desta formação?

2 CONHECENDO A ESCOLA

2.1 O INÍCIO DE TUDO...

O Grupo Hospitalar Conceição é referência no atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS), formado pelos hospitais Cristo Redentor, Nossa Senhora da Conceição, Criança Conceição, Fêmeina, também Serviço de Saúde Comunitária (12 postos de saúde), três Centros de Atenção Psicossocial e Centro de Educação Tecnológica e Pesquisa em Saúde. (GHC, 2013).

Na década de cinquenta (século XX), o Hospital Cristo Redentor foi projetado e construído em um bairro operário, na zona norte da capital, Teve sua identidade construída, como “um hospital dirigido para o atendimento ao trabalhador” (KLEIN, BARROSO, 2006, p.21). Inicialmente foi constituído como hospital geral, na atualidade é o pronto socorro da zona norte (KLEIN, BARROSO, 2006).

Nos anos 60, mais precisamente em 1962 nasce o Hospital Nossa Senhora da Conceição, primeiramente como uma casa geriátrica, transformando-se em hospital geral. Recebe o nome de Nossa Senhora da Conceição em homenagem a santa ao qual o fundador, senhor Jahyr Boeira era devoto. “Sua religiosidade começou cedo. Era devoto de Nossa Senhora da Conceição...” “A religiosidade esteve sempre ligada ao ambiente hospitalar” (KLEIN, BARROSO, 2006, p.56), na atualidade com nova denominação de Espaço Inter-Religioso, ainda persiste um local no qual são professadas as diversas religiões marcadamente de aspecto católico (KLEIN, BARROSO, 2006). Atualmente é um dos maiores hospitais gerais do estado do Rio Grande do Sul (GHC, 2013).

No final da década de 60, inaugurado o Hospital da Criança Conceição, caracterizado como um anexo do Hospital Nossa Senhora da Conceição, prestando atendimento clínico e cirúrgico às crianças (KLEIN, BARROSO, 2006,). A partir de 2010 amplia seu atendimento a adolescentes (GHC, 2013).

Em 1972, Jahyr Boeira compra o controle acionário do Hospital Fêmeina, hospital localizado em área nobre da capital, com atendimento prestado ao público feminino (KLEIN, BARROSO, 2006).

O país em pleno governo ditatorial militar, no ano de 1975, o Grupo Hospitalar Conceição sofre intervenção, passando a ser administrado a nível federal. “O Geisel decretou passar cem por cento do controle dos hospitais para o governo federal” (KLEIN, BARROSO, 2006, p.136).

Na década de 80 é criado o Serviço de Saúde Comunitária, um grupo de Unidades Básicas de Saúde (UBS) que traz de volta o velho médico de família (generalista – médico geral comunitário), aquele que passa a ver o indivíduo como um todo e tem grande relação com a comunidade. Desse modo, o grupo que prestava atendimento secundário, passa a ofertar à cidade de Porto Alegre Atendimento Primário em Saúde, trazendo um diferencial para saúde pública, onde passa a tratar seus usuários dentro de sua comunidade. No início deste século, é criado o Centro de Atendimento Psicossocial tentando suprir lacunas formadas pela reforma psiquiátrica, prestando atendimento aos usuários do Sistema Único de Saúde para as questões de saúde mental. No final dos anos dois mil, inicia o Consultório de Rua, trazendo uma nova abordagem aos usuários/moradores de rua, pois estão à margem da sociedade. O atendimento busca, em síntese, resgatá-los no que diz respeito à saúde (GHC, 2013).

Na primeira década do século XXI, com a eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ocorre à decisão política de gestão de transformar o Grupo Hospitalar Conceição em 100% SUS (Sistema Único de Saúde), extinguindo todos os atendimentos conveniados. No mesmo processo, passa a se preconizar a democratização da gestão e a assistência humanizada. Os usuários e trabalhadores passam a ser protagonistas de sua história (KLEIN, BARROSO, 2006).

Neste contexto é criado o Centro de Educação Tecnológica e Pesquisa em Saúde (CETPS) no ano 2009, transformando o GHC em uma instituição de ensino e pesquisa e de qualidade assistencial (Ministério da Saúde, 2009).

2.2. Centro de Educação Tecnológica e Pesquisa em Saúde: simplesmente Escola GHC.

Ensino e pesquisa fazem parte do processo histórico do GHC, portanto resgatar seus primórdios é uma tarefa importante.

No ano de 1989, foi criado o CAP/GHC – Centro de Aperfeiçoamento e Pesquisa do Grupo Hospitalar Conceição, que tinha como objetivo integrar as atividades de ensino e pesquisa em um Centro, composto pelos serviços de Residência Médica e Internato, Estágios, Científico, Consultoria Científica, Editoria e Eventos (Ministério da Saúde, 2009, p.24).

Em 2001, o CAP/GHC muda seu status organizacional e passa a ser denominada Gerência de Ensino e Pesquisa, se constituindo como “órgão responsável pela gestão das áreas de ensino e pesquisa, com a descentralização dessas atividades nos diferentes hospitais e serviços do GHC” (Ministério da Saúde, 2009, p.24).

Abril de 2004, o Grupo Hospitalar Conceição passa a ter reconhecimento externo de suas atividades desenvolvidas nos programas de ensino e pesquisa, os hospitais que o compõe recebem certificação como hospital de ensino, conferida através de portaria Interministerial n 1.704, dos Ministérios da Educação e da Saúde (Ministério da Saúde, 2009, p.24).

Julho de 2008 “foi desencadeada uma nova etapa no desenho da política de educação e pesquisa do GHC” (Ministério da Saúde, 2009, p.41). Realizado processo de discussão com o coletivo de trabalhadores do grupo, focando “a necessidade de tornar o GHC uma instituição de ensino com autonomia de certificação”, visando à formação de profissionais e o fortalecimento do SUS (Ministério da Saúde, 2009, p.41).

Assim nasce a Escola GHC, que tem como missão:

(...) desenvolver políticas e ações de ensino, pesquisa, extensão, cooperação técnica-científica, produção e divulgação de informação científica, tecnológica e de inovação no campo da saúde, articulando as atividades desta área no GHC e no SUS e a ampliação de possibilidades de inclusão e desenvolvimento social e econômico. (Ministério da Saúde, 2010, p.13).

2.3. Instituto Federal do Rio Grande do Sul: história.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, desde sua origem aos dias atuais percorre mais de 100 anos de história (Ministério da Saúde, 2010).

Fundada em 1909 com o nome de Escola de Comércio, era “constituída por dois níveis de ensino, Ensino Geral e Ensino superior, ambos com dois anos de duração” (Ministério da Saúde, 2010, p.9).

Em 1931 ocorre reestruturação da escola devido à reorganização do ensino comercial no país (Ministério da Saúde, 2010).

No ano de 1934 foi criada a Universidade de Porto Alegre, que integrou a Escola de Comércio que passe a ser custeada pelo Estado (Ministério da Saúde, 2010).

Em 1945, a Escola de Comércio passa a integrar a Faculdade de Economia e Administração (Ministério da Saúde, 2010).

Em 1950, a universidade passa a ser administrada pelo governo federal e a escola recebe uma nova denominação Escola Técnica de Comércio e passa a integrar o sistema federal (Ministério da Saúde, 2010). A partir desta mudança foram criados os cursos de Técnico em Administração (1954) e Técnico em Secretariado (1958),

Com a Lei 5.692/71, que fixa as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, novos cursos foram criados: Técnico em Operador de Computador (1975), transformado em Técnico em Processamento de Dados (1989) e para Técnico em Informática (1999); Técnico Transações Imobiliárias (1976), Técnico em Comercialização e Mercadologia (1979); Suplementação em Contabilidade (1987); Técnico em Segurança do trabalho e Suplementação em Transações Imobiliárias (1989) (Ministério da Saúde, 2010).

Em 1994 é inaugurada a nova sede da Escola, ao lado do Planetário. Com a criação de novos cursos e ingresso de novos servidores fez-se necessária à ampliação da área física (Ministério da Saúde, 2010).

Em 1996 ocorre ampliação da cartela de cursos ofertados: Técnico em Biotecnologia e Técnico em Química; Pós-técnicos de Controle e Monitoramento Ambiental, Redes de Computadores. No mesmo ano passa a chamar-se Escola Técnica da UFRGS (Ministério da Saúde, 2010).

A partir das reformulações das legislações da educação técnica em 1996, a Escola Técnica a partir do ano de 1999, passa a ministrar somente cursos de educação profissional, tendo como pré-requisito a conclusão do ensino médio (Ministério da Saúde, 2010).

Em 2008, com a promulgação da lei 11.892/2008, o governo federal cria os institutos federais, surge aí o Instituto Federal Rio Grande do Sul (Ministério da Saúde, 2010). Este conta com onze (11) cursos técnicos, PROEJA, além da Formação Inicial Continuada, destinada a atividades de iniciação musical (Ministério da Saúde, 2010).

Em 2013, o IFRS “realizou convênio com o Grupo Hospitalar Conceição (GHC – CONV. 64/2010), para o desenvolvimento de atividades de ensino”, tornou-se então uma unidade remota do Campus Porto Alegre (Ministério da Saúde, 2010, p.13).

2.4. Curso Técnico em Registros e Informações em Saúde: origens e história.

O curso Técnico em Registro e Informações em Saúde é realizado através de parceria entre Centro de Educação Tecnológica e Pesquisa em Saúde do GHC com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (Ministério da Saúde, 2010).

Tem sua origem em 2004, foi “efetivado um Protocolo de Cooperação Técnica entre o GHC e a Fundação Osvaldo Cruz (FIOCRUZ), com o objetivo de potencializar atividades conjuntas de ensino” (Ministério da Saúde, 2010, p.7).

Porém é importante retrocedermos mais alguns anos e buscar os antecedentes históricos deste processo, onde a informação passou a ser um tema de importância para as questões de saúde.

No ano de 1993, o Ministério da Saúde realizou seminário com a temática 'Uso e a disseminação de Informações em Saúde: subsídios para a elaboração de uma Política de Informações para Saúde para o SUS', de onde saiu à proposição de estruturação e desenvolvimento de programas de capacitações que atingissem as três esferas de governo, visando promover a formação, qualificação e atualização dos trabalhadores de nível fundamental, médio e superior (Ministério da Saúde, 2010).

Em 1998, a Rede Integrada de Informações para a Saúde e a Rede Nacional de Informações em Saúde "propõe o 'Programa Nacional de Capacitação do Profissional de Informação e Informática em Saúde' entendido como um processo de capacitação permanente aberto, adotando uma dinâmica de implementação flexível" (Ministério da Saúde, 2010, p.15).

Em 2004, a Política Nacional de Informação e Informática em Saúde,

(...) tem como estratégia promover o uso inovador, criativo e transformador da tecnologia da informação para melhorar os processos de trabalho em saúde, resultando em um Sistema Nacional de Informação em Saúde articulado que produza informações para os cidadãos, a gestão, a formação e a prática profissional, a geração de conhecimento e a participação e o controle social, garantindo ganhos de eficiência e qualidade mensuráveis através da ampliação de acesso, equidade, integralidade e humanização dos serviços e, assim, contribuindo para a melhoria da situação de saúde da população (Ministério da Saúde, 2010, p.16).

Em 2009, no Congresso da ABRASCO em Recife, é divulgado o 'Primeiro Plano Diretor para o Desenvolvimento da Informação e Tecnologia da Informação em Saúde', onde são apontados referenciais que indicam um processo insuficiente de educação permanente de informação e informática em saúde, no âmbito da gestão e nos serviços de atenção a saúde (Ministério da Saúde, 2010).

O curso Técnico em Registro de Saúde foi aprovado em 1989, baseado em formação ofertada pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio da

Fundação Oswaldo Cruz, sendo denominado na atualidade de Técnico em Registros e Informações em Saúde (Ministério da Saúde, 2010). Este contempla as necessidades que se apresentam em questão de formação dos trabalhadores de nível médio que atuam na área da saúde, baseada na Política Nacional de Informação e Informática em Saúde (Ministério da Saúde, 2010).

Baseado nos fatos acima apresentados, e com a pouca oferta de cursos de formação nesta área,

(...) ciente do compromisso e do papel estratégico do Centro de Educação Tecnológica e Pesquisa em Saúde do GHC para a melhoria de serviços de saúde, bem como da necessidade de investir em formação na área de informação propões parceria como Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, o desenvolvimento Curso Técnico em Registros e Informações em Saúde (Ministério da Saúde, 2010, p.18).

Em 2010, no segundo semestre, entra em funcionamento a primeira turma de Técnico em Registro e Informações em Saúde na Escola GHC que tem como objetivos formar profissionais com o seguinte perfil:

(...) aptos a atuar na organização do conteúdo e do arquivo de prontuários, na organização das fontes de dados e no registro para os sistemas de informações em saúde, contribuindo para a continuidade da atenção integral a saúde (Ministério da Saúde, 2010, p.19).

O curso ocorre em três semestres, tendo em sua matriz curricular 1200 horas, sendo dividido em 06 eixos temáticos: A realidade e os desafios da informação em saúde; A construção de dados em saúde – I; A informação nos processos decisórios – I; Avaliação em saúde – i; A construção dos dados em saúde II, Indicadores em saúde; Prática profissional simulada – I; Avaliação em saúde – II, Os sistemas de informação em saúde; A informação nos processos decisórios – II e Prática profissional simulada – II (Ministério da Saúde, 2010).

O itinerário formativo está embasado no ciclo da informação apresentado, buscando proporcionar a compreensão dos diferentes processos de tratamento que o profissional se envolve para a constituição da produção de sentido que permita agir e transformar a realidade de saúde da população (Ministério da Saúde, 2010).

Apresentado de forma sintética, este é o curso Técnico em Registro e Informações em Saúde da Escola GHC.

3 REVISÃO LITERATURA

“O que diferencia o homem do animal é o exercício do registro da memória humana” (Vygotsky).

Por que estudar os registros em diários de classe realizados por educadores?

Para Merli e Stangherlim, os educadores têm “consciência da importância do registro como instrumento de reflexão” (MERLI, STANGHERLIM, 2013, p.4), portanto sua prática de ser fomentada.

Madalena Freire Weffort considera que “mediados pelo registro deixamos nossa marca no mundo” (WEFFORT, 1996, p. 23). Ou seja, quando escrevemos, deixamos isso como legado.

A escrita materializa, deixa, ou tende a deixar a concretude de nossas ideias. Isso permite com que reflitamos, revisemos, construamos, aprofundemos e mais, conheçamos o que desconhecemos (WEFFORT, 1996).

O registro, segundo Merli e Stangherlim, “é utilizado principalmente em duas situações: uma delas seria o planejamento da prática e a outra como descrição das atividades que foram realizadas” (MERLI, STANGHERLIM, 2013, p.6).

Zabalza reforça a importância do registro de atividades, independente do tempo de atuação do profissional da educação,

Parece evidente hoje em dia que a simples prática (o levar muitos anos desenvolvendo uma determinada atividade) não melhora substancialmente a qualidade do exercício profissional (...) o desenvolvimento profissional nos remete à necessidade de buscar instrumento de coleta e análise de informação referente às próprias práticas que nos permitam revisá-las e reajustá-las, se for preciso (ZABALZA, 2004, p. 27).

Importante salientar é que, “a partir do momento que coloca no papel aquilo que pensa, o professor entra em contato com suas próprias ideias e passa a vê-las com mais distanciamento” (MINGUES, ARATANGUY, 1998, p.9).

O registro de atividades desenvolvidas no fazer do professor é norteador dos processos educacionais, são elas que em alguma medida trarão soluções aos “dilemas” que por ventura ocorram (ZABALZA, 2003, p.9). Também, “a escrita de um diário registra o percurso de uma classe: suas dificuldades, suas conquistas, suas preferências... configurando, assim, sua história” (MINGUES, ARATANGUY, 1998, p.9).

Diário de classe é um documento oficial de registro de todas as atividades desenvolvidas no ambiente escolar, devendo ser preenchido pelo professor, preferencialmente sem apresentar rasuras ou afins (RODRIGUES, CORRÊA, CARVALHO, 2010). Este é um instrumento de consulta da secretaria, supervisão, coordenação e direção escolar. É a ferramenta onde podemos comprovar frequência do estudante e, se preenchido de forma correta, retrata a realidade escolar (RODRIGUES, CORRÊA, CARVALHO, 2010). Existem normatizações básicas a serem seguidas em seu preenchimento: símbolos que representem presenças (P), faltas (F), faltas justificadas (FJ); não rasurar (oficialidade do documento), evitar abreviações de nomes de estudantes, entre outras (RODRIGUES, CORRÊA, CARVALHO, 2010). Conceituar diário de classe é importante enquanto definição de que tipo de diário eu estou falando no decorrer do estudo.

O registro, ou a importância deste deve extrapolar o meramente burocrático, ou “registra-se o que foi feito no diário de classe e/ou no caderno de ocorrências/registro de aulas (MERLI, STANGHERLIM, 2013, p.6), deve ir além das “descrições de aulas, apenas como forma de arquivar o que foi feito” (MERLI, STANGHERLIM, 2013, p.6). Devem sim ser reflexivos, analisadores de práticas, um re-pensar da ação pedagógica (MERLI, STANGHERLIM, 2013, p.6).

Ainda, falando sobre registro, “registrar a prática é ato rigoroso, que exige sintonia prazerosa entre o fazer/ação, o que pensar/refletir e o escrever/registro” (XERRI, ZIMMER, 2010, p.92). E mais, “a fecundidade do registro da ação docente é bem possível no interior de nossas escolas, no interior de nossas universidades, em nossos espaços de construção coletiva” (XERRI, ZIMMER, 2010, p.92), com “... registro permanente, que toma o corpo, que vicia, que reflete

o que se vive, o que deseja, o que nos avalia” (XERRI, ZIMMER, 2010, p.92).
Enfim, o registro como importante e não burocrático, mas sim libertador. Como
uma produção do fazer, do saber, do querer, um retrato daquilo que sonhamos,
| daquilo que realizamos.

4 METODOLOGIA

A escolha de análise documental se deu pelo desejo de conhecer os registros realizados pelos docentes. A forma como estes dialogam com o plano de ensino e se lá estão contemplados. Os materiais utilizados foram os Diários de Classe dos três eixos temáticos que compõe o primeiro semestre do Curso Técnico em Registros e Informações em Saúde desenvolvido pela escola GHC.

O que é análise documental? Essa conceituação é importante para o decorrer do trabalho, pois será a mola propulsora deste. Podemos pensar com Abreu que “é a partir de vestígios preservados pelo tempo que a história é construída/reconstruída” (ABREU, 2006, p1.) Ou seja, as memórias registradas nos diários de classe podem ajudar a construir a história das três primeiras turmas do curso.

Anteriormente a conceituação de análise documental, faz-se necessário conhecer outros conceitos, que serão norteadores deste. Para a análise documental teremos dados, onde “um dado suporta uma informação sobre a realidade, implica uma elaboração conceitual dessa informação e o modo que possibilite a sua conservação e comunicação” (FLORES, 1994, p.16). Documento, que é a impressão deixada em um objeto físico por outro ser humano, pode apresentar-se em diversas formas como fotografias, filmes, endereços eletrônicos, impressa, entre outras (CALADO, FERREIRA, 2004). Análise, nada mais é que uma investigação educativa, que consiste na detecção de unidades de significado em um texto. No estudo das relações entre elas e no todo (FLORES, 1994). Ainda, segundo Flores (1994), documentos são fontes de dados em estado bruto, onde o investigador e sua metodologia de análise têm como finalidade atribuir um significado relevante a um problema a ser investigado. Para Calado e Ferreira (2004, p.3), “a análise de documentos pode, então, ser interpretada como sendo constituída por duas etapas: uma primeira de recolha de documentos e uma segunda de análise, como análise de conteúdo”.

Outra conceituação importante é sobre a fonte dos documentos a serem analisados, que podem ser primárias (produção de documentos ocorrida durante o período a ser investigado), deliberadas (produção de documentos produzidos para futuras investigações), inadvertidas (são utilizadas com finalidade diversa daquela com que foram criadas) e secundárias (interpretações de eventos do período).

Neste estudo estaremos utilizando fontes primárias, os diários de classe produzidos no decorrer de três semestres, como registro das atividades e procedimentos acadêmicos das turmas em questão.

Uma etapa importante salientada por Calado e Ferreira (2004) é a de coleta dos documentos, por ser fundamental no método de análise destes. Nesta fase poderemos ter a certeza da confiabilidade dos mesmos, se foram ou não manipulados, se as informações presentes permitem uma boa análise.

A metodologia utilizada foi à análise de conteúdo, buscando o entendimento das fontes utilizadas, onde através de processos e tarefas, realizamos a decupagem do mesmo. Segundo Calado e Ferreira (2004), a análise de conteúdo divide-se, basicamente em um conjunto de três tarefas: a redução de dados, a apresentação de dados e as conclusões.

A redução de dados, onde parte-se de algo mais complexo para chegar a elementos que nos permitam categorizar e codificar os processos representativos (CALLADO, FERREIRA, 2004).

Desta forma, primeiro categorizamos os elementos que foram representados nos documentos utilizados no estudo. Os documentos eram os diários de classe das turmas do CTRIS, onde foram suprimidos dois dados: o nome dos alunos e o nome dos professores, de acordo com a solicitação do quadro de docentes do curso. Cada eixo temático constante no Plano de Curso possui um ementário, este composto pelo grupo de disciplinas a serem ministradas no decorrer do semestre. As categorias utilizadas foram os nomes das disciplinas e verifiquei se estas estavam presentes nos registros dos diários de classe. Cabe salientar que me ative em dias letivos e não em carga horária, ou seja, quando os números apresentados nas tabelas geradoras dos gráficos são

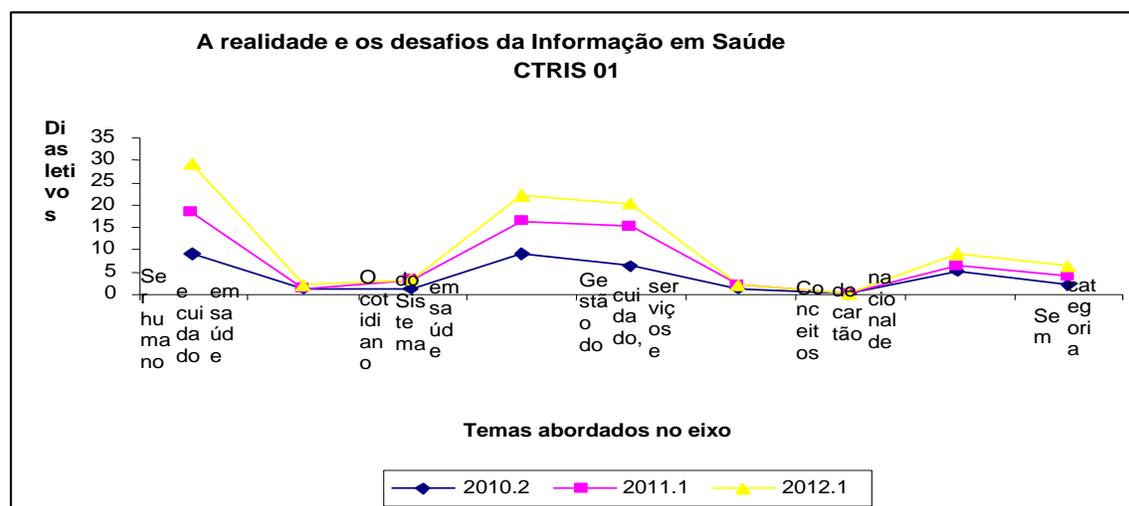
relativos aos dias letivos. Busquei identificar os temas presentes com os registros presentes, em alguns diários, sucintos.

Como forma organizativa, elaborei planilha com os seguintes dados: nome da disciplina e o nome das turmas que tiveram seus diários analisados. Cada diário foi visto de forma isolada, onde procurei alocar os registros das aulas nas disciplinas que faziam parte do eixo. Cabe informar que os registros eram sucintos, com informações mínimas (em sua maioria informava o tema discutido, ou o filme visto, ou avaliação), então, minha unidade de dados é sintética. A categorização foi realizada de acordo com o material disponível para esta.

Segundo Calado e Ferreira (2004, p.8) “a identificação e classificação de unidades consiste em examinar as unidades de dados de modo a encontrar nelas determinadas componentes temáticas”. Ou seja, de acordo com o tema apontado no registro, o dado foi categorizado.

4.1. Discussão dos resultados

Como forma de elaborar um processo que permitisse a análise dos documentos foram construídos gráficos que possibilitassem o estudo, como o abaixo, referente ao eixo temático “A Realidade e os Desafios da Informação em Saúde” (CTRIS 01), ofertado nas turmas 2010.2, 2011.1 e 2012.1, onde pude perceber as seguintes questões:



- O Eixo temático é composto por oito disciplinas: Ser Humano e Cuidado em Saúde, Processo Saúde-Doença numa perspectiva histórica, O Cotidiano do Sistema de Saúde, Políticas Sociais e de Saúde e História da Saúde Pública, Gestão do Cuidado, Serviços e Sistemas, Aspectos Históricos de Registros de Saúde, Conceitos de Cartão Nacional de Saúde e Registro Único e Evolução e Utilização da Informática na sociedade. Incluí espaço para serem alocados os registros que não se enquadravam nas disciplinas ofertadas, o que permitiu categorizar os dias letivos, que segundo minha interpretação não estava contemplada nestas.

- Em 2010.2 foram 34 dias letivos; 2011.1, 31 dias letivos e 2012.1, 26 dias letivos.

- Das disciplinas, 3 em algum dos semestres não foi identificado dia letivo com a temática.

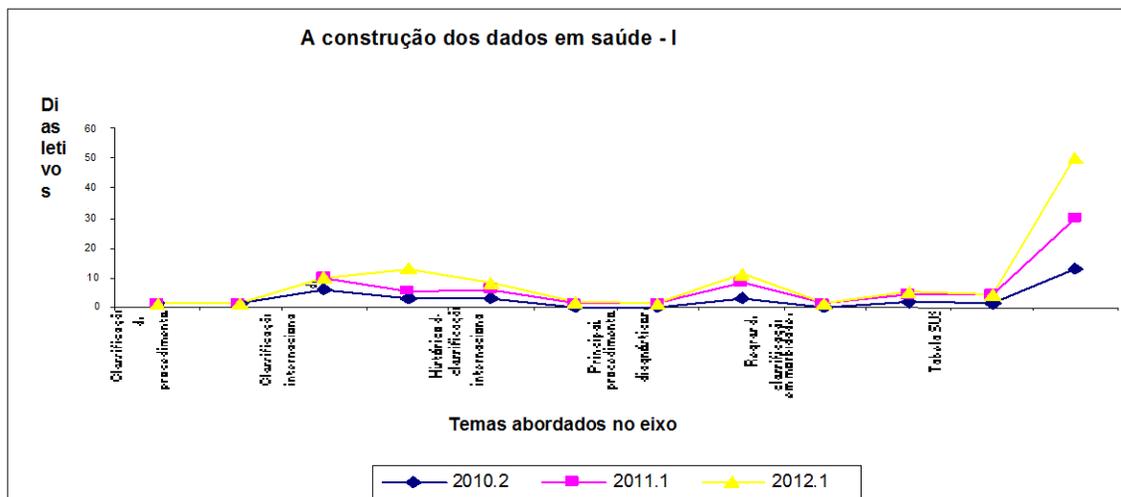
- A disciplina “conceitos de cartão nacional de saúde e registro único” não foi identificada em nenhum dia letivo, ou pelo menos não aparece no registro.

- As disciplinas “ser humano e cuidado em saúde”, “políticas sociais e de saúde e história da saúde pública” e “gestão do cuidado, serviços e sistemas” aparecem de forma equilibrada nos três semestres, mantendo a frequência.

- A disciplina “evolução e utilização da informática na sociedade” tem uma frequência diferenciada entre os três semestres.

- Importante salientar que as disciplinas consideradas como sem categoria, pertencem à temática do curso, mas não se encaixam segundo minha análise nos componentes do eixo.

O eixo temático “A Construção dos Dados em Saúde – I” apresentou os seguintes dados, conforme o gráfico abaixo:



- O Eixo temático é composto por 11 disciplinas: Classificação de Procedimentos, Classificação de Estatística Internacional de Doenças, Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF), Controle e Conservação dos prontuários. Estudo da Arte do uso da CID e CIF, Histórico da Classificação Internacional de Doenças (CID), Lista das Denominações Comuns Brasileiras (DCB), Principais procedimentos diagnósticos e terapias, Terminologia em Saúde, Regras de Classificação em morbidade e mortalidade, Relação Nacional de Medicamentos essenciais (RENAME) e Tabela SUS. Incluí espaço para serem alocados os registros que não se enquadravam nas disciplinas ofertadas, o que permitiu categorizar os dias letivos, que segundo minha interpretação não estava contemplada nestas.

- Em 2010.2 foram 33 dias letivos, 2011.1, 39 dias letivos e 2012.1, 35 dias letivos.

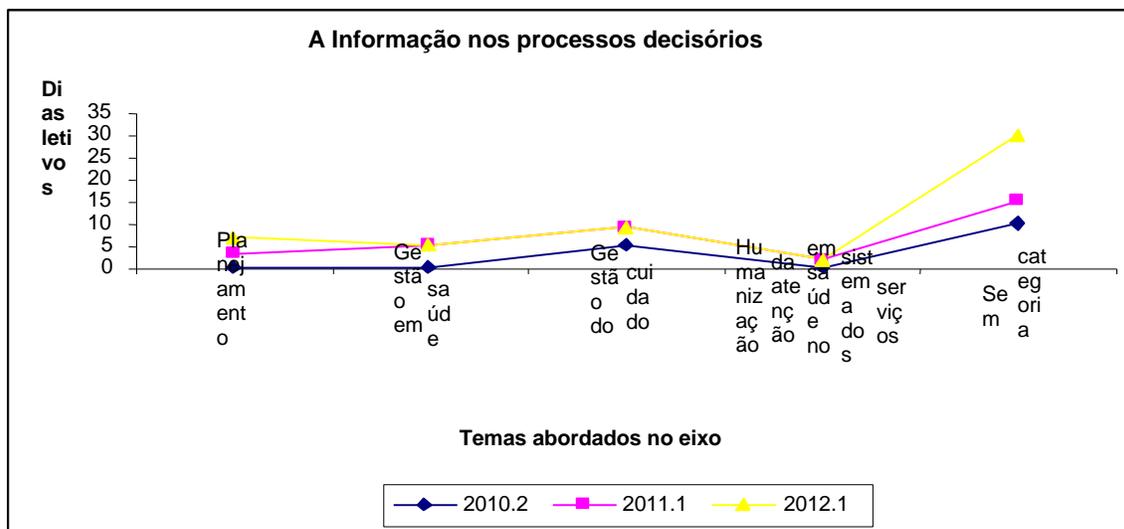
- Das disciplinas analisadas, todas foram contempladas, em algum momento com pelo menos um dia letivo. Quatro disciplinas aparecem somente em 1 semestre, 3 disciplinas aparecem em pelo menos 2 semestres e 4 disciplinas aparecem em todos os semestres.

- O número de dias letivos que foram categorizados como “sem categoria” foi expressivo. Em 2010.2 foram 13 dias letivos, em 2011.1 foram 17 dias letivos e em 2012.1 foram 20 dias letivos. Quase a metade da carga horária não se

encaixava, segundo os registros disponibilizados, nas disciplinas componentes do eixo.

- Assim como apontado no gráfico anterior, as temáticas são pertinentes ao curso, porém não estão listadas nas disciplinas.

“A Informação nos processos decisórios” foi o último eixo temático analisado, e teve o gráfico abaixo construído:



- Este eixo temático é composto por 4 disciplinas: Planejamento, Gestão em Saúde, Gestão do Cuidado e Humanização da atenção em saúde no sistema dos serviços. Incluí espaço para serem alocados os registros que não se enquadravam nas disciplinas ofertadas, o que permitiu categorizar os dias letivos, que segundo minha interpretação não estava contemplada nestas.

- Em 2010.2 foram 15 dias letivos, 2011.1, 19 dias letivos e 2012.1, 19 dias letivos.

- Todas as disciplinas foram contempladas com dias letivos. Duas disciplinas aparecem somente em 1 semestre, 2 disciplinas aparecem em 2 semestres e uma grande parcela de disciplinas não foram categorizadas, 10 em 2010.2, 5 em 2011.1 e 15 em 2012.1.

- Todas as disciplinas ou temas abordados segundo o registro são pertinentes ao curso.

Importante salientar, que no momento da categorização, decisões precisaram ser tomadas, por que tal registro se identifica com tal disciplina. Muito se dá por interpretações. Tomando como exemplo, o registro de avaliação, em algum momento foi classificado como sem categoria, pois não havia a definição da avaliação de qual temática se referia, porém se esta informação aparecia de forma explícita esta era destinada a disciplina a qual se referia.

Refletindo sobre a questão que se apresenta referente a disciplinas que são ofertadas sem comporem o eixo temático, mas pertinentes, trago Zabalza (2003, p.9), "... conciliar as exigências dos programas oficiais com as necessidades concretas dos alunos", pactuam com os achados. Como trabalhar informações em um mundo globalizado sem conhecimento de informática básica? Na atualidade isso é impensável.

Outra questão a ser trazida é o espaço de atuação do professor como dinâmico, onde é importante "saber agrupar dados isolados (...), saber discriminar entre situações para identificar os aspectos mais relevantes (...); saber ocultar atividades ou atender várias coisas ao mesmo tempo" (ZABALZA, 2003, p.11).

Considerando que "o registro possibilita a revisitação, a reflexão sobre a prática e a sistematização de atividades" (MERLI, STANGHERLIM, 2013, p.8), possivelmente, pela análise dos diários de classe das turmas CTRIS, há dificuldades nestes, pelo registro sucinto não permitir estas ações. Isso não quer dizer que os docentes não façam uma reflexão sobre o seu fazer, mas sim que "é necessário, então que aprendamos a aprender, vale dizer que, entre outras coisas, demos à linguagem oral e escrita, a seu uso, a sua importância que lhe vem sendo cientificamente reconhecida" (FREIRE, 2009, p.47).

Ainda, é importante lembrar que "ao registrar o professor está sozinho, olhando para sua prática (...), mas quando compartilha seus registros com o grupo, abre-se a possibilidade de trocas, de reflexão" (MERLI, STANGHERLIM, 2013, p.13). Ao registrar, amplia-se o grupo de acesso, a reflexão, o ensinamento, o conhecimento. Assim se faz educação. (FREIRE, 2009).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização deste estudo tivemos algumas dificuldades, como acesso a bibliografia específica do tema análise documental e a análise da documentação, os diários de classe dos eixos em questão. Muito por não ter o domínio desejado sobre o tema, mas com confiança na busca de resultados e aprendizagem. Dificuldades que foram propulsoras na busca de respostas as questões postas.

As questões que nortearam o estudo e compuseram o problema da pesquisa foram respondidas com o material disponível.

Uma questão que permeou a análise eram os registros realizados nos diários de classe, em sua grande maioria compostos por frases curtas e diretas, onde traziam a temática trabalhada em sala de aula ou atividades de dispersão, sem maiores detalhes. Porém, permitiu verificar que as temáticas eram pertinentes à formação proposta pelo curso. Todas, em alguma medida, correspondiam a registro ou informação ou saúde, portanto dialogam com o plano de curso do Técnico em Registros e Informações em Saúde. Inclusive no próprio plano está previsto a mudança de alguns temas, desde que discutido no colegiado do curso (esta não é uma informação disponível, pois não fazia parte da documentação a ser analisadas atas, onde possivelmente estejam registradas essas mudanças). Parto do pressuposto que os profissionais fizeram os registros desta forma por que não tiveram o entendimento ou até, não foram orientados da importância da realização destes. Uma grande parcela dos profissionais que atuam na escola GHC não são professores de formação, mas sim profissionais da área de saúde que tem atuado na área de formação de profissionais.

Os temas que aparecem como sem categoria fazem parte da formação, sem dúvida. Aparecem em grande volume, os temas vinculados à informática: Word, excel, entre outros, que nas gerações mais atuais são cotidianos, mas nas gerações acima dos quarenta anos nem tanto, estas estão sendo incluídas no mundo digital aos poucos. A partir do segundo ano de curso percebe-se a necessidade de formação em informática dos alunos, isso aparece nos registros

dos diários com dias letivos dedicados a programas como word, excel, base para o trabalho de registro e informação em saúde. Na atualidade os sistemas são informatizados, portanto, é necessidade básica saber utilizar os programas básicos, como não há pré-requisito e ainda há defasagens na informatização das escolas, acreditamos ter sido necessário à inclusão desta temática no currículo, mesmo não ocorrendo à mudança no plano de curso.

Na análise das disciplinas ofertadas, verifiquei que se dá, nas três turmas que já concluíram a formação, importância ao corpo humano e seus sistemas. É um tema com carga horária significativa e que sofreu poucas alterações no decorrer do curso. Buscando explicação para esta questão, o que considero mais plausível é que os professores são da área da saúde e dará maior importância ao tema que lhes é caro.

Concluindo minhas considerações, considero importante ressaltar alguns aspectos: pelas análises realizadas seria interessante a Escola GHC realizar algumas mudanças no plano de curso, trazendo para este currículo temas pertinentes a esta formação. Um, o qual não identifiquei anotações seria Português Instrumental, onde seria possível trazer para o quadro de educandos questões de interpretação de texto, redação oficial, entre outros, qualificando o registro das informações em saúde. A informática deveria permear os três semestres do curso, passando pelo básico como Word, internet até excel avançado, o que qualificaria os dados que posteriormente poderiam ser base de estudos diversos. E como sugestão final, talvez uma das mais importantes, convencer os professores que atuam neste curso da importância do registro nos diários de classe, de como estes podem levá-los a reflexões e aprendizados únicos.

6 REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia, CORDIOLLI, Marcos. **Projeto de Lei do Plano Nacional de Educação (PNE 2011/2020)**; projeto em tramitação no Congresso Nacional/PL nº 8.035/2010. Brasília: Edições Câmara, 2011.

ABREU, Sandra. **Pesquisa e Análise Documental**. Disponível em <http://www.unievangelica.edu.br/gc/imagens/noticias/1817/file/01.pdf>. Acessado em 14/08/2013.

CALADO, S.S., FERREIRA, S.C.R. Análise de documentos: Método de Recolha e Análise de Dados. 2004. Disponível em <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi1/analisedocumentos.pdf>. Acessado em outubro 2013.

ESCOLA GHC. **Diário de Classe: A Realidade e os desafios da informação em saúde**. Porto Alegre, 2010/2011/2012.

ESCOLA GHC. **Diário de Classe: A construção dos dados em saúde**. Porto Alegre, 2010/2011/2012.

ESCOLA GHC. **Diário de Classe: A Informação nos processos decisórios I**. Porto Alegre, 2010, 2011/2012.

FLORES, J. **Análise de Dados Qualitativos. Aplicação para Investigação Educativa**. Barcelona: PPU, 1994.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'Água, 2009.

GHC. Coordenação de Marco Fish. Desenvolvido pela Gerência de Informática do GHC. Apresenta dados institucionais. Disponível em <http://www.ghc.com.br>, Acessado em outubro 2013.

IFSP. **Manual de Preenchimento de Diário de Classe**. São Paulo, 2012. Disponível em www.ifsp.edu.br. Acessado em 20/07/2013.

KLEIN, Ana Inez. BARROSO, Véra Lucia Maciel. **Memórias do Hospital Cristo Redentor: 50 Anos**. 1ª Edição. Porto Alegre: EST, 2006.

MERLI, Angélica, STANGHERLIM, Roberta. **Por que (não) registrar? A importância do registro como instrumento de reflexão na formação de professores**. In: Anais IX Colóquio de Pesquisa sobre instituições escolares UNINOVE. Disponível em www.uninove.br/marketing/ix_coloquio/PDF/angelica_almeida.pdf. Acessado em 29/09/2013.

MINGUES, Eliane, ARATANGUY, Claudia. **O Diário de cada um**. In: Caderno da TV Escola PCN na Escola. Brasília, 1998.

MINISTÉRIO DA SAÚDE/GHC. **Plano de Desenvolvimento Institucional**. Porto Alegre, 2009. 48 p.

MINISTÉRIO DA SAÚDE/GHC/CETPS. **Plano do Curso Técnico em Registro e Informação e Saúde**. Porto Alegre, 2010.

PECOITS, Sariane da Silva. **Querido Diário? Um estudo sobre o registro e formação de professores.** Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/18388>. Acessado em 30/10/2013.

RODRIGUES, E., CORRÊA, L., CARVALHO, S. **Escrituração Escolar.** Goiânia, Secretaria Educação Goiás, 2010.

SÁ-SILVA, J., ALMEIDA, C., GUINDANI, J. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas.** In: Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. n1, 2009.

WEFFORT, Madalena Freire (Coord.). **Observação, Registro e Reflexão: instrumentos metodológicos I.** São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

ZABALZA, Miguel. **Os diários de classe dos professores.** In: Pátio, n 22. Porto Alegre, 2002.

ZABALZA, Miguel. **Dilemas práticos dos professores.** In: Pátio, n 27. Porto Alegre, 2003.

ZABALZA, Miguel. **Diários de Aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional.** Porto Alegre. Artmed, 2004.

XERRI, Eliana, ZIMMER, Rosane. **Diário de Aula: práticas de ação e reflexão, re-ações pedagógicas potencializadas pela perspectiva freiriana de educação.** In: Revista Educação por Escrito. Porto Alegre, PUCRS, 2010.

6.1. Bibliografia consultada

ANDRÉ, Marli, LÜDKE, Hermengarda. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Educar SUS: notas sobre o desempenho do Departamento de Gestão da Educação na Saúde no período de janeiro de 2003 a janeiro de 2004.** Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, Departamento de Gestão da Educação na Saúde. Brasília, 2004. (Série C. Projetos, Programas e Relatórios).

CHOO, Chun Wei. **Como ficamos sabendo – um modelo de uso da informação.** In: CHOO, Chun Wei A Organização do conhecimento. São Paulo: SENAC, 2003 p. 98 a 120.

FONTES, Débora. **Orientações para Preenchimento do Diário de Classe.** Disponível em <http://diariodacoordenacao.blogspot.com.br/p/orientacoes-para-preenchimento-do.html>. Acessado em 31/07/2013

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 20ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FURASTÉ, Pedro Augusto, **Normas técnicas para o trabalho científico: elaboração e formatação.** Explicitação das normas da ABNT. 14ª ed., Porto Alegre: s.n., Bras Sul, 2006.

Grupo Hospital Conceição. **Relatório de Gestão GHC** – Gerência de Recursos Humanos – Gestão do Trabalho, Educação e desenvolvimento. Disponível em <http://www.ghc.com.br> . Acesso em 20/07/2013 às 21h.

LIMA, Maria José Machado, MOREL, Yolanda Pereira. **Vade mécum: o miúdo da supervisão escolar/educacional**. Porto Alegre: ASSERS, 2013. 96p.

LOPES, Noemia. **O que é o Projeto Político-pedagógico**. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/planejamento-e-avaliacao/planejamento/projeto-politico-pedagogico-ppp-pratica-610995.shtml>. Acessado em 31/07/2013

TRAGTENBERG, Maurício. **Relações de poder na escola**. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64451985000100021&script=sci_arttext. Acessado em 31/07/2013.

7 APÊNDICES

Tabela criada para coleta de dados para análise, construída com base no Plano de Curso CETPS e Diário de Classe. A tabela abaixo corresponde ao Eixo Temático “A Informação nos Processos Decisórios – I”.

Disciplina	2010.2	2011.1	2012.1
Planejamento			
Gestão em Saúde			
Gestão do Cuidado			
Humanização da Atenção em Saúde no sistema e nos serviços			
Sem Categoria			